

BATE PAPO

PAULO FREIRE

Por Ana Lúcia de La Vega, Ivana Ribeiro, Cacá Dutra

O que você estava fazendo às 11h do dia 26/03/97? Nós estávamos com o papa da educação no mundo: nosso querido Paulo Freire. Com alegria e muita empolgação, ele nos recebeu em seu escritório: livros, livros, muitos livros e ao fundo a serenata de Franz Schubert. Ele nos disse: Vocês têm uma proposta muito desafiadora. Fico feliz em tê-los aqui. Também estávamos felizes. Dia 02/05/97, para tristeza de todos, morre Paulo Freire. Seu coração pernambucano não resistiu a um cateterismo e parou de bater, deixando-nos todos um pouco órfãos. Perdemos Paulo Freire, o educador e o ser humano digno, mas não o seu legado: “É preciso mudar o mundo. E mudar não é só preciso, é possível”.

COMO E POR QUE EDUCAÇÃO

Ninguém nasce com predeterminação daquilo que vai ser. Quero dizer, não acredito na frase “nasceu professor, nasceu médico”, a gente se faz ou não se faz, se cria como médico, professor, cozinheiro. Em certos momentos da vida, a gente começa a se construir nisso ou naquilo. Embora, indiscutivelmente também na infância se revele aos pais, aos amigos e professores certos gostos que apontam para a direção de uma profissão.

GOSTAR DE OUVIR?

Quando criança, tinha certos gostos que diziam da minha possibilidade de vir a ser um professor. Por exemplo, eu gostava de ouvir o outro. E uma das boas qualidades de um professor é exercitar a sua capacidade de ouvir. Gostava de escutar histórias. Havia uma ou duas mulheres agregadas à minha família que eram especialistas em contar histórias de mal assombrado – almas gemendo à meia-noite... e o relógio batia as doze pancadas e as almas começavam a se agitar. Eu ficava naquela mistura de medo e do gosto de ter medo. Possivelmente, durante a audição de algumas daquelas histórias, fui aprendendo a vaidade da escuta, que viria a ser, mais adiante, da minha prática pedagógica, de real importância.

MUDAR O MUNDO

Outra coisa com que eu convivi era uma quase certeza de que havia algo errado no mundo. Uma das coisas que me chocaram na minha tenra idade foi, por exemplo, a compreensão da presença de Papai Noel. Éramos uma família católica e eu via os meus companheiros, no Natal, me mostrando os vários presentes que haviam recebido de Papai Noel. Só que Papai Noel não “baixava” lá em casa; então uma das minhas preocupações críticas era com o que me parecia uma certa injustiça do velho Papai Noel. É uma lembrança que eu não digo com muita alegria, porque eu acho que viver a fantasia do “papainoelismo” tem seu mérito, mas o fato é que rompi com esse negócio muito cedo. Vem daí o que eu chamaria hoje de uma consciência crítica, de uma concepção mais crítica do real. Então eu me comprometi com a briga pela mudança do mundo.

ESSE VELHO TEM RAZÃO

Estou dando esta entrevista porque aposto que algum jovem que a leia vá dizer: “Esse velho tem razão, esse treco de mudar o mundo não é só possível, mas é preciso”. Não é possível deixar de mudar um mundo onde há milhões de brasileiros morrendo de fome. E eles não deixarão de morrer de fome, a não ser que a gente mude as estruturas políticas, econômicas, ideológicas, do país e da sociedade. E mudar não é só preciso, é possível. Se você tem condições concretas para exercer esses gostos que veio anunciando na sua infância, então se constitui naquele profissional. Eu diria que eu me fui fazendo ou eu me venho fazendo educador. Se você me pergunta: Paulo, você se acha um professor? Eu diria: não! Ninguém nunca é. Nós todos estamos sendo... Daí a necessidade que temos, professores e professoras, de nos indagarmos constantemente de como estamos sendo educadores, porque há sempre possibilidade de mudar, de ser melhor. Isso demanda outra qualidade *sine qua non* para ser educador: a humildade, que não tem nada a ver com a possibilidade da humilhação.

HUMILDADE, NÃO HUMILHAÇÃO

Eu recuso a humilhação. Diante da tentativa de alguém me humilhar eu me levanto com toda força da minha integridade de ser e brigo e recuso. Não aceito humilhação precisamente porque defendo a humildade. Só assim estou sendo professor, educador. Estou com 75 anos e vocês não imaginam a minha alegria quando tenho a primeira aula com um grupo de alunos; é a mesma alegria de quando eu tinha 19 anos e dei a primeira aula. Sou a mesma alegria quando discuto, por exemplo, a impossibilidade da neutralidade da educação. Se essa alegria não acompanha o educador, desiste de dar aula. É assim que eu respondo como vim me fazendo professor.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Quando saiu o livro “Pedagogia do Oprimido” criei críticas no mundo todo, porque, dos meus livros, este é o mais universal do ponto de vista da presença traduzida, concreta. Ele saiu em 1970, pela primeira vez, na edição americana. Quando esse livro pôde ser publicado no Brasil, já estava traduzido para mais de seis ou sete línguas; foi quando os brasileiros puderam ler o livro, porque, no regime militar, ele era proibido aqui.

OBRA EM 37 IDIOMAS

A “Pedagogia do Oprimido” deve estar hoje traduzida para 36, 37 idiomas. Só em inglês, sobretudo na edição da Inglaterra, ele conseguiu cobrir todo o Oriente. Eu viajei muito nos anos 70 levado pela “Pedagogia do Oprimido”. Em 1972, fui à Austrália, Nova Zelândia e ilhas do Pacífico Sul; falava para duas, três mil pessoas e era como se eu estivesse morando numa das ruas da Austrália, ou numa das ruas da ilha de Fiji. Não sei nem descrever esse tipo especial de emoção, em que um autor, de repente, se sente sendo percebido como se morasse naquele bairro de um mundo completamente estranho para ele. Se não tiver uma boa “cachola”, você corre o risco de se perder. Às vezes, vejo um jovem como Ronaldinho, que, de repente, vira a maior expressão do futebol no mundo. Isso dá um balanço na estrutura pessoal desse menino; ele precisa de alguém que o desafie muito para que não se perca na grandeza que alcançou. Não estou comparando – os exemplos têm circunstâncias muito diferentes, o

meu era um prestígio político intelectual com certas faixas da população; o dele, um prestígio de massas.

PRESTÍGIO SEM DINHEIRO

É preciso que você “curta” na verdade a humildade, resista aos apelos da não humildade porque existem os apelos da vaidade. A vaidade é necessária pois, sem ela, que significa uma auto-valorização, você não levanta nem a cabeça. Se você não se reconhece como portador de alguma positividade, fenece. Agora, não é possível permitir que a experiência do auto-reconhecimento exploda e o transforme numa espécie de sapiência absoluta ou de virtude absoluta. Da minha peregrinação pelo mundo, ou eu me consolidava ou me estragava. A explosão da “Pedagogia do Oprimido” como um *best-seller* em todas as línguas só não me deu dinheiro, mas me deu um prestígio enorme. Eu sou muito mais conhecido no mundo do que no meu mundo particular que é o Brasil. Não é por acaso que tenho mais de 35 títulos de doutoramento *Honoris Causa* no mundo inteiro, de universidades famosas, como a de Bolonha, Itália, onde agora o presidente Fernando Henrique Cardoso também é doutor. Ela me deu o doutoramento no ano de seu 900º aniversário. A “Pedagogia do Oprimido” me fez isso e ainda me deu esse aprendizado. O livro me fez conviver com o prestígio e com a necessidade de controlar-me diante do prestígio, de não perder a humildade, de não deixar a minha necessária e indispensável humildade ser ameaçada.

E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

No fundo, a “Pedagogia do Oprimido” é em si a pedagogia da esperança, porque não há uma pedagogia que defenda a liberdade e a autonomia do ser que não seja também uma pedagogia da esperança. O livro “Pedagogia da Esperança” que se monta em cima da experiência da “Pedagogia do Oprimido” é um livro em que eu refaço a experiência e me vejo refazendo a experiência. Por isso é que insisto na leitura da “Pedagogia da Esperança”. Ela discute e afirma a atualidade da “Pedagogia do Oprimido”.

POLÍTICA DOS VIADUTOS

Recentemente, conheci algumas experiências no Recife, nos círculos de cultura na Zona da Mata de Pernambuco, com camponeses aprendendo a ler e a escrever, de acordo com as propostas que fiz há 30 anos. Fiquei emocionado porque os discursos que alguns fizeram repetiram afirmações dos discursos dos camponeses de 30 anos atrás. Uma das coisas que todos enfatizavam era que eu não propunha apenas que eles aprendessem a ler e a escrever, mas a pensar; é que, fazendo o aprendizado da leitura e da palavra – e da escrita da palavra – nós contribuímos de maneira melhor a fazer a leitura do mundo. Esse é o discurso teórico que faço, de que não é possível separar a leitura da palavra, a leitura da frase, da leitura do mundo, da compreensão crítica de como a sociedade funciona. Por exemplo, hoje, os políticos dizem que está totalmente superada a era dos debates ideológicos e políticos e o que prevalece é a ideologia do fazer. Isso é um absurdo científico-político. O que interessa hoje não é mais a discussão política mas é mostrar o que se faz: o viaduto, o poço, o açude subterrâneo. Isso é a negação da leitura crítica do mundo.

LOUCOS E SURDOS

Por trás de um viaduto existem as intenções políticas, os compromissos políticos, existe o porquê deste viaduto e não 50 escolas nas áreas populares e empobrecidas da cidade. Pode ser até que o povo feche os ouvidos e diga: “Já não quero ouvir quanto custa ou a favor de quem esse prefeito fez esse viaduto”. Então eu digo: vocês estão loucos, estão surdos. Esse viaduto não corresponde à prioridade fundamental da sociedade como um todo, ele corresponde possivelmente à necessidade de melhor conforto para os moradores de certa faixa da sociedade que já têm conforto. É preciso que a gente trabalhe no sentido da construção de uma educação e da alegria, da seriedade, do rigor e da transformação do mundo, para que os homens e as mulheres possam amar com menos cobrança.

A REVISTA DOCA'S

Não tenho dúvida nenhuma de que o espírito dessa revista é o espírito com o qual eu gostaria de conviver. Na era do computador, da Internet, da televisão, a revista para mim continua como uma tarefa fundamental. E ela pode cumprir uma tarefa que, para mim, é aquela com a qual vocês sonharam: que é a de desafiar os jovens a descobrirem que a sua presença no mundo não pode se reduzir a um passatempo. No fundo, acho que essa deve ser uma revista que, propondo a rebeldia, oriente a rebeldia no sentido da reconstrução do mundo.

Texto originalmente publicado em: RIBEIRO, I. M. F. É preciso mudar o mundo. In: Ana Maria Araújo Freire (Org.). *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2004, v. 1, p. 329.